

NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA



O DESENHO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

ARAÇUAÍ
2011

NORALI BARBOSA ESTEVES DE OLIVEIRA

O DESENHO NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): MELISSA ETELVINA
OLIVEIRA ROCHA

ARAÇUAÍ

2011

Oliveira, Norali Barbosa Esteves de

O Desenho no Ensino de Artes Visuais: Especialização Em
Ensino de Artes Visuais / Norali Barbosa Esteves de Oliveira. -
2011

51f

Orientador (a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de
especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino I. Rocha, Melissa Etelvina
Oliveira II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de
Belas Artes III. Título.



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais

Monografia intitulada “*O Desenho no Ensino de Artes Visuais*”, de autoria de *Norali Barbosa Esteves de Oliveira*, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

Orientador(a): Melissa Etelvina Oliveira Rocha EBA/UFMG

Jussara Vitória de Freitas EBA/UFMG

ARAÇUAÍ, 08 de outubro de 2011

Dedico este trabalho àqueles que acreditaram na minha capacidade apoiando-me sempre, especialmente ao meu querido esposo Augusto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão de toda a existência. Aos meus pais, que me ensinaram o grande valor do conhecimento. Ao meu filho, esposo, irmãos e amigos que acompanharam minha dedicação, angústias e vitórias ao longo deste, meus sinceros agradecimentos... agradeço também aos meus professores, principalmente a Josias e Melissa, que foram fundamentais nessa conquista.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar de forma didática a importância do Desenho para o ensino de Artes Visuais. Para tanto, faz uma abordagem sobre a representação deste na vida da criança desde os seus primeiros anos de vida até a fase da adolescência, comprovando sua valia para tal ensino. Sendo assim, foi desenvolvido e aplicado um plano de aula com esta atividade adotando como referência o artista Cândido Portinari, evidenciando que o desenho pode de fato oferecer conhecimento.

Palavras-chave: Arte. Ensino. Arte/educação. Desenho. Artes Visuais.

ABSTRACT

This work aims to show in a didactic manner the importance of Drawing for the teaching of Visual Arts. For this, it makes an approach about the representation of this child's life from its early life until the stage of adolescence, proving its value to such teaching. Thus, it was developed and applied a lesson plan with this activity taking as reference the artist Cândido Portinari, evidencing that the drawing can in fact offer knowledge.

Keywords: Art. Teaching. Art/education. Drawing. Visual Arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Reprodução de retrato de Carlos Gomes	26
Figura 2 – Auto - retrato de Cândido Portinari.....	31
Figura 3 – Auto – retrato de Cândido Portinari.....	32
Figura 4 – Auto – retrato de Cândido Portinari.....	33
Figura 5 – Retrato de Moliterno.....	34
Figura 6 – Retrato de Luis Cosme	35
Figura 7 – Retrato de Leonore Hubrecht.....	36
Figura 8 – Retrato de Bibi.....	37
Figura 9 – Retrato de Christiane Ferraz de Abreu.....	38
Figura 10 – Fotografia de reproduções usadas em atividade.....	42
Figura 11 – Fotografia de auto–retrato usada em atividade.....	42
Figura 12 – Fotografia de alunos fazendo retrato do colega.....	43
Figura 13 – Fotografia de aluna fazendo a atividade.....	43
Figura 14 – Fotografia da exposição dos trabalhos dos alunos.....	44
Figura 15 – Fotografia dos alunos apreciando seus trabalhos.....	45
Figura 16 – Fotografia de alguns auto-retratos dos alunos.....	45

SUMÁRIO

Introdução	11
1. O Ensino de Arte no Brasil: Breve comentário	13
2. O Desenho como expressão artística no ensino de Arte	21
2.1. Cândido Portinari: um artista social	25
3. Aplicação prática do Desenho em sala de aula – Plano de ensino	28
3.1. Aplicação prática do plano de aula	40
Considerações finais	46
Referências	48
Referências das imagens	51

Introdução

A arte é um dos campos de atividade mais antigos da humanidade e está presente em todas as culturas. O homem faz arte porque tem necessidade de se expressar, de manifestar seus sentimentos, suas ideias e de um modo especial de manifestar sua identidade. Deste modo, entende-se que a arte é de fundamental importância no desenvolvimento humano, devendo, portanto, ser explorada no âmbito de ensino, uma vez que por meio desta é possível envolver o aluno em diversas atividades de exploração e criação de formas, ideias e pensamentos, bem como desenvolver uma consciência das possibilidades que tal linguagem oferece.

De acordo com Barbosa¹, mesmo sendo preciso ainda mais estudo a respeito da importância da Arte no desenvolvimento do aluno, foi comprovado através de pesquisa feita nos Estados Unidos, que por uma década, os alunos que obtiveram os dez primeiros lugares nos exames de igual valor ao ENEM no Brasil haviam cursado pelo menos duas disciplinas de Arte; confirmando a valiosa contribuição desta para a educação. A autora também ressalta que enquanto que nos Estados Unidos os alunos podem escolher as disciplinas que vão cursar, no Brasil não há essa liberdade de escolha, sendo estas pré-estabelecidas e muitas vezes sem compromisso com a aprendizagem, onde percebe-se muitas vezes, a desatenção para com a Arte/educação.

Conseqüentemente, essa pesquisa realizada nos Estados Unidos despertou a atenção de pesquisadores nessa área na tentativa de fazer uma comprovação da Arte como componente curricular fundamental na aprendizagem e denunciando assim, o desinteresse com que é tratada a Arte/educação no Brasil. Diante da atual conjuntura em que se encontra o ensino de Arte no país, percebe-se que é preciso conhecer um pouco da sua história, na tentativa de verificar também possíveis soluções para a melhoria do mesmo, buscando assim, contribuir para tal. Sabe-se que, mesmo sendo uma atividade significativa para a

¹ BLOG ACESSO. *Ana Mae Barbosa*: Para que serve a arte na educação? Disponível em:<<http://www.blogacesso.com.br/?p=91>> Acesso em: 09 de Agosto. 2011.

aprendizagem, no âmbito escolar, muitas vezes o ensino de arte passa despercebidamente, como mera disciplina de lazer e descanso.

Embora o ensino de Arte se faça a partir de vários tipos de expressões, por oferecer um vasto campo de atuação e estar constantemente presente de diversas maneiras no dia a dia, este trabalho faz uma abordagem no ensino de Artes Visuais, buscando compreender a importância e trajetória deste no Brasil, enfatizando o Desenho como meio de expressão artística eficiente nesse ensino. Sendo o desenho utilizado desde os tempos mais remotos, este é um recurso artístico que pode ser muito bem utilizado nas aulas de arte e, embora tal atividade possa parecer simples, muitas vezes o Arte/educador se depara com um grande desinteresse dos discentes para com essa manifestação artística, afirmando que não sabem desenhar. Talvez essa situação se faça corrente justamente por consequência da falta de conhecimento da importância do ensino de Artes Visuais para o aluno, a forma como são propostas as atividades com desenho, bem como a falta de capacitação dos profissionais que atuam nessa área; pois saber lidar com o ensino e estar ciente de sua relevância contribui significativamente para o sucesso do mesmo.

1. O ENSINO DE ARTE NO BRASIL: BREVE COMENTÁRIO

No processo de constituição e organização curricular da Educação Básica, percebe-se que, historicamente no Brasil, o ensino de Arte não tem sido tratado com devida consideração quando comparado a outros conteúdos tidos como mais importantes na escola. A forma com que a Arte vem sendo tratada no ensino evidencia tal descaso. A começar pelo número de aulas que são disponibilizadas na grade curricular, onde, em muitas escolas da rede pública há somente uma aula semanal (50') e em apenas uma ou duas séries dos anos finais do ensino fundamental e também do médio - já na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental percebe-se que essa disciplina é vista como uma mera oportunidade para desenvolver a coordenação motora dos alunos através de desenhos para colorir e confecção de barras com uso de régua.

Mesmo tendo passado por muitas mudanças ao longo da história, as aulas de Arte ainda são vistas nas escolas como uma disciplina sem conteúdo, que é usada para a prática de trabalhos manuais sem proporcionar um verdadeiro ensino de Arte. Sendo assim, embora desde 1996 tenha passado a ser um componente curricular obrigatório no ensino da educação básica, percebe-se que, na prática, a Arte/educação vem sendo desenvolvida nas escolas brasileiras de forma incompleta, quando não incorreta, porque, dentre outros motivos, muitos professores desconhecem que o processo de aprendizagem do educando em Artes contribui para o desenvolvimento do potencial criador, bem como na formação de um cidadão crítico perante a sociedade; devendo, portanto, ser vista em pé de igualdade com as outras disciplinas.

Faz-se pensar que essa prática é comum na contemporaneidade, uma vez que é encontrada em muitas escolas brasileiras a falta de formação de educadores que ministram as aulas de Arte, bem como, ao analisar a trajetória desse ensino no país, verifica-se uma herança de pedagogias adotadas desde a criação do ensino formal da educação brasileira, perpetuando ainda no atual contexto educacional, como colocam Fusari e Ferraz (2001):

[...] Devemos lembrar que, hoje, as aulas de Arte apresentam influências das três pedagogias enunciadas – tradicional, novista e tecnicista – em maior ou menor grau. Estas pedagogias, embora descritas separadamente, na prática se imbricam (FUSARI; FERRAZ, 2001, p.43).

Desse modo, entende-se que a Arte/educação hoje é influenciada pelo seu histórico, no que concerne à experimentação, ideais e mudanças trazidas desde há muito; passando pelas tendências educacionais que foram experimentadas no decorrer da história, bem como erros e acertos adquiridos ao longo desta, como será brevemente pautado aqui.

Já na organização do primeiro sistema de ensino formal no Brasil pelos Jesuítas, cuja intenção era a propagação da fé proveniente da igreja católica, percebe-se que, com relação à arte, a atividade produtora (fazer artístico) é tida como irrelevante, sendo priorizado o resultado (produto artístico), desconsiderando as possibilidades do conhecimento em arte através do fazer artístico. De acordo com Gouthier (2009), com a chegada de Dom João VI e a Missão Francesa ao Brasil, houve a substituição do Barroco brasileiro pelo Neoclassicismo, mudando a identidade da arte brasileira, dando pois, um novo rumo a esta através da criação do ensino de Belas Artes, conhecido como Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, propiciando o ensino técnico que consistia no ensino de ofício artístico e mecânico, e não necessariamente, ensino de arte.

Outras mudanças aconteceram no decorrer da história, valendo ressaltar que embora no século XX o Brasil tenha passado por um período de preocupação com o ensino da Arte, nessa época ensinava-se apenas o “Desenho” que, inclusive, chegou até ser considerado (enquanto disciplina), mais importante que as demais e que deveria ser aprendido por toda a sociedade. No entanto, ainda não proporcionava um verdadeiro ensino de arte; já que o desenho não contempla todos os aspectos do conhecimento que tal ensino acarreta, uma vez que a Arte é uma linguagem que além dos aspectos visuais, abrange muitas outras expressões como dança, música, teatro, cinema e outros, que também têm sua importância no ensino educacional. A partir dos anos 1920, com a criação da *Escola Nova*, a Arte foi considerada instrumento para atingir determinados fins na educação, perdendo então o seu valor como disciplina autônoma, sendo usada para outras pretensões e mais uma vez não oferecendo conhecimento absoluto.

Como se não bastasse esse equívoco com relação à disciplina, com a ditadura de Vargas a Arte-educação sofre um descaso, assim como acontece com a educação em geral, passando a usar cópias e modelos pré-estabelecidos para o ensino de Arte que, inclusive, de acordo com pesquisas realizadas, perpetuam ainda em muitos planejamentos de professores que ministram as aulas de Arte, como afirma Barbosa (1989): “Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire*, temas banais, as folhas para colorir [...], os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa de 1971 e 1973”² Barbosa (1975, apud BARBOSA, 1989, p.172). Embora essa colocação tenha sido feita há mais de duas décadas atrás, através de estudos e conversas a respeito verifica-se que tal afirmativa se aplica ainda no atual contexto educativo; mesmo tendo acontecido ainda outras mudanças no decorrer da história desse ensino, que agora serão comentadas para seguir a linha de raciocínio.

Tal situação de ultraje perpetuou ainda por muito tempo e somente a partir da implantação da LDB nº 4.024/1961 que as discussões e estudos relacionados ao ensino da Arte começaram a ganhar ânimo, havendo grande interesse de mudança com relação à dependência cultural e o subdesenvolvimento que, até então era corrente no ensino, bem como, contra a cópia de modelos provenientes de culturas alheias na educação. Iniciou uma vontade de criar uma arte que expressasse, de certa forma, uma identidade brasileira; que fosse autônoma e tivesse significado. Então, através do forte interesse em modificar a situação em que se encontrava o ensino, a partir da vontade de promover uma valorização da cultura brasileira, foi que houve uma mudança na forma de se olhar para a arte produzida no Brasil; mas, com a escola tecnicista nos anos 1970, o ensino da Arte foi levado ao espontaneísmo que, com a LDB nº 5.692/71 foram reunidas em uma só disciplina, denominada “Educação Artística”, as atividades de artes plásticas, música, teatro e dança; e foram criados os cursos superiores para preparar professores polivalentes (inclusive em curto prazo), esperando que ensinassem todas essas expressões.

² BARBOSA, *Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e perspectivas futuras*. Vol.3. 1989. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000300010&script=sci_arttext.> Acesso em: 11 de jun. 2011.

Nesse contexto, confirma aqui o descaso com que vem sendo tratado o ensino de Arte citado no início desse capítulo, já que até hoje perpetua essa exigência nas escolas para com os profissionais da Arte/educação, uma vez que sua formação (mesmo quando há uma graduação na área) não contempla com satisfação todas as atividades exigidas; tornando assim, o ensino de Arte esvaziado de conteúdo e desacreditado pelos discentes. Formar profissionais capazes de dominar todas as linguagens artísticas que devem ser trabalhadas na escola em tão pouco tempo é um absurdo; é realmente uma pretensão muito grande, que, denuncia um desinteresse pela melhoria do ensino de Arte. Mas, embora sendo ignorada como área de conhecimento, a partir dessa lei a Arte entrou para o currículo obrigatório no ensino fundamental; haja vista que mesmo depois dessa obrigatoriedade muitas escolas não disponibilizam a disciplina nos currículos de todas as séries dos ensinos fundamental e médio.

Na tentativa de mudar esse quadro, buscando colocar a Arte em pé de igualdade com as outras disciplinas, nos anos 80, a Arte/educadora Ana Mae Barbosa criou uma abordagem do ensino de arte que tinha como proposta a *criação* (o fazer artístico), *leitura e contextualização* da obra de arte, cujo método de ensino (que ficou conhecido como “Metodologia” ou “Abordagem” triangular) visava renovar o ensino de arte, especialmente visual, proporcionando um ensino através de obras artísticas. Percebe-se que, esse método de ensino é válido, uma vez que se caracteriza a partir da contextualização da obra, estabelecendo relações da(s) obra(s) com o mundo ao redor, bem como, com a vivência e experiências do aluno, conhecendo não só a história da obra e do artista que a produziu, mas também relacionando-a à sua própria história e cultura. Do mesmo modo, a leitura da obra de arte, que depois ficou conhecida também como apreciação, consiste em uma leitura do mundo, sendo esta ao mesmo tempo, uma interpretação cultural, propondo uma análise, fazendo uma relação da obra com o ambiente, não existindo uma interpretação correta (já que qualquer obra é aberta a diversas interpretações e depende do ponto de vista do leitor); como Barbosa (2005) deixa claro.

Nos anos 90, mais precisamente, em 1996, foi promulgada a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais, de nº 9.394/96, mudando o nome da disciplina “Educação Artística” para “Arte”, tornando-a oficialmente “área de conhecimento”. Tal mudança não se deu somente no nome da disciplina, mas em toda a sua

estrutura, assim como nas outras áreas que propiciam o conhecimento, como lembram Fusari e Ferraz (2001):

Num primeiro momento pode-se achar que essas abordagens são idênticas, apenas se diferenciando pela nomenclatura. Mas, ao buscarmos as razões epistemológicas e concepções teóricas que as embasaram, verificamos que compartilham apenas a mesma finalidade, ou seja, a arte dentro do sistema educacional. A base desse pensamento é ver a arte não apenas como uma das metas da educação, mas sim como o seu próprio processo, que é considerado também criador (FUSARI; FERRAZ, 2001, p. 19).

Deste modo, com a mudança na nomenclatura da disciplina, bem como ao torná-la oficialmente área de conhecimento, esta deveria deixar de ser vista apenas como um complemento curricular e passar a ser considerada área de ensino efetivo, assim como acontece com as disciplinas que desenvolvem outras linguagens do conhecimento. Embora essas discussões, propostas e mudanças a cerca do ensino de Arte vêm acontecendo, é preciso ainda, ater-se à representação das atividades artísticas no ensino básico e em especial enfatizar as Artes Visuais, já que estas se manifestam hoje em dia de diversas maneiras e são uma forma de expressão e também de comunicação. Em entrevista concedida à agência USP de notícias intitulada “*Arte como educação e cidadania*”, a professora Barbosa (2000) diz que a configuração visual do país é dada pelas artes plásticas e que não é possível conhecer um país sem conhecer e entender sua arte. Compreende-se que, essas palavras por si só já traduzem a importância da Arte/educação na escola, a relevância que esta deveria desfrutar na escala de prioridades no processo de organização curricular e, no entanto, não é tratada como tal. Barbosa (2000) também diz que “Um país só pode ser considerado culturalmente desenvolvido se ele tem uma alta produção e também uma alta compreensão dessa produção”³ (BARBOSA, 2000, não paginado). Diante dessas afirmativas, é lógico pensar então que, embora o ensino de arte no Brasil já tenha melhorado com relação há algumas décadas atrás, ainda é preciso olhar com mais seriedade para a atual situação, uma vez que o ensino em arte

³ BARBOSA, Ana Mae. *Arte como educação e cidadania*. São Paulo: Agência USP de notícias, 2000. Disponível em: < <http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.htm> >. Acesso em: 11 de Jun. 2011.

não está tão acessível assim, ou pelo menos, não da maneira que deveria estar. Segundo os Conteúdos Básicos Comuns - CBC (2005) de Arte da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, “Nesse sentido, é necessário que o ensino de Arte esteja presente durante toda a vida escolar do aluno, em todas as séries” (CBC/MINAS GERAIS, 2005, p. 13), mas muitas vezes isso acaba não acontecendo, tamanho descaso com que normalmente vem sendo tratado tal ensino pelas escolas brasileiras.

A partir da minha experiência em sala de aula enquanto profissional da área, percebo que o que dificulta o ensino de Arte é a falta de apoio por parte da escola (quando não acredita na possibilidade desta contribuir na formação integral do aluno, por não colocar a disciplina na grade curricular de todas as séries do ensino, bem como por não disponibilizar um espaço físico apropriado para o desenvolvimento da disciplina), do governo (por estabelecer apenas 40 horas/aula em cada série, por não proporcionar materiais adequados para o ensino) e da própria história desse ensino no Brasil; onde existe uma “cultura” em pensar que aula de arte é desnecessária, é lazer e é menos importante do que as demais disciplinas e que não é digna de respeito e dedicação; cujos impasses encontrados no decorrer da profissão são justificados nos PCN's de Arte (1997) da seguinte forma:

A questão central do ensino de Arte no Brasil diz respeito a um enorme descompasso entre a produção teórica, que tem um trajeto de constantes perguntas e formulações, e o acesso dos professores a essa produção, que é dificultado pela fragilidade de sua formação, pela pequena quantidade de livros editados sobre o assunto, sem falar nas inúmeras visões preconcebidas que reduzem a atividade artística na escola a um verniz de superfície, que visa a comemorações de datas cívicas e enfeitar o cotidiano escolar (BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental.1997, p. 25).

Nessa perspectiva, verifica-se a dificuldade em desenvolver um bom trabalho sem o apoio para aquisição de materiais e recursos adequados (como revistas e reproduções de obras, bem como recursos técnicos) e sem a valorização do conteúdo em consequência dessa visão errônea que insiste em permanecer ainda na contemporaneidade. Arrisco afirmar ainda que, com relação ao ensino de Arte, espera-se que o professor saiba ensinar, saiba como fazer com que a informação chegue até o aluno, tenha conhecimento de como abordar

o assunto de maneira produtiva (uma vez que muitos profissionais de outras áreas acreditam ser muito fácil ministrar aulas de Arte e consideram que estas não oferecem conhecimento algum), mas faltam-lhe os meios, falta o apoio didático para subsidiar as aulas e possibilitar um verdadeiro ensino; e muitas vezes, a escola não oferece os recursos necessários que permitam através de uma reprodução de obras artísticas, uma pesquisa na internet, etc. ao professor possibilitar uma aprendizagem a partir da apreciação, contextualização e o fazer artístico, como sugere a Abordagem Triangular anteriormente mencionada. Como ensinar Artes Visuais sem apresentar imagens? Como falar dos elementos que compõem uma obra visual, sem propiciar uma visualização? O uso efetivo de imagens é de suma importância para este ensino, pois é observando (apreciando) que o aluno compreende a obra. Como afirma Barbosa (1989), no artigo “*Arte-educação no Brasil: realidade hoje e perspectivas futuras*”: “Mesmo nas escolas particulares mais caras a imagem não é usada nas aulas de arte. Lecionam arte sem oferecer a possibilidade de ver.” Ana Mae também ressalta que mesmo depois da obrigatoriedade, não foi desenvolvida a qualidade estética da Arte/educação nas escolas, ou seja, o ensino de Artes Visuais não se dá através da apresentação de obras que contemplem o conteúdo ensinado e que tal problema de baixa qualidade afeta também as outras áreas de ensino, uma vez que estas, de certa forma, também dependem da arte.

De acordo com os PCN's de Arte (1997), a partir do conhecimento em arte, o aluno poderá relacionar-se criadoramente com outras disciplinas, estabelecendo relações mais amplas ao estudar um determinado período histórico, bem como através do exercício contínuo da sua imaginação, propiciado pela Arte/educação, o aluno estará mais habilitado a produzir um texto, a desenvolver estratégias para resolver, inclusive, um problema matemático. Daí a necessidade de explorar com eficiência essa área do conhecimento e investir na capacitação e planejamento para o seu sucesso no ensino. Entende-se que, as artes visuais, com suas variadas imagens sobre inúmeros temas favorecem a compreensão dos vastos assuntos, épocas e períodos que são discutidos em outros conteúdos e, ao invés de receber uma atenção maior na escola, na prática, percebe-se que muitas vezes existem enquanto disciplina, apenas para preencher o currículo escolar ou para servir de apoio quando necessitarem da confecção de cartazes, painéis, pinturas, cenários, ornamentações, etc.

“A arte é a oportunidade de uma pessoa explorar, construir e aumentar seu conhecimento, desenvolver suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar seus sentimentos” (CBC/MINAS GERAIS, 2005, p.12). Portanto, embora o ensino de Arte no Brasil já tenha avançado com relação ao seu reconhecimento enquanto área de conhecimento, ainda precisa melhorar muito para se tornar algo que realmente possibilite experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística na vida do aluno; pois, além de ser um modo de pensar, produzir, e de propor novas formas de ver o mundo, é também uma construção humana, que envolve relações com o contexto cultural, histórico e político, merecendo, então, ser vista como algo essencial para o ensino.

2. O DESENHO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA NO ENSINO DE ARTE

O ato de desenhar está presente em nossas ações desde muito cedo e de diversas formas. Através deste, conseguimos dar vazão à nossa vontade, imaginação e percepção, definindo uma forma que antes é produzida no pensamento. É sabido que, ainda na Pré-História já havia a necessidade de expressar-se através da Arte e, os homens primitivos faziam isso, dentre outras atividades, através da produção de desenhos nas paredes de suas cavernas. Além da representação de formas humanas e animais, desenhavam aquilo que percebiam do mundo. Compreende-se que, ainda hoje, essa atividade é muito presente na vida das pessoas, pois além de ser uma atividade artística, tida como uma linguagem visual apresentando um fim em si mesmo, o desenho também é usado para fins diversos e inclusive em determinadas profissões como arquitetura, engenharia e outras, recorrendo-se ao mesmo como meio para atingir um objetivo; como afirma Coelho (2009). Ainda segundo esse autor, usamos os mais variados tipos de suportes e materiais para produzir desenhos; ao rabiscarmos na areia ou na terra, ao anotarmos algo ao pé do telefone, etc. estamos de certa forma desenhando, e tal atividade se estende além do âmbito artístico.

Sabe-se que, mesmo que a criança não tenha papel e lápis, ela passará por uma etapa de produção de desenhos na sua infância, chamada *garatuja*, que assim como acontecia nos tempos primórdios, podemos definir como algo natural, pois se observarmos as crianças veremos que fazem isso com muita naturalidade no seu dia a dia. Com idade entre 2 e 4 anos seus desenhos podem significar sentimentos que ela esteja experimentando no momento, como uma forma de expressão através dessa manifestação artística, podendo exprimir-se através de linhas, rabiscos e grafismos, desenvolvendo também sua coordenação motora. De acordo com Martins (1979), fazendo desenhos na areia, na terra ou mesmo em outros tipos de suportes, antes da criança passar para outra etapa do desenho ela primeiramente adquire confiança em seus movimentos, evoluindo

depois para o chamado *pré-esquematismo*, onde normalmente, representa em seus desenhos aquilo que é importante para ela. Desse modo, entende-se que o desenho é um meio de expressão importante para a criança, serve como ferramenta útil para sua comunicação, pois assim ela pode expressar o que vê, bem como o que sente.

A fase que sucede a esta, denominada *esquematismo* (7 a 9 anos), é onde a criança já desenvolveu noções de espaço e da importância de si mesma, tomando consciência de sua existência enquanto pessoa, ser único e o desenho acompanha essa fase; sendo essencial o estímulo a partir dessa etapa, pois assim desenvolve a percepção da criança e o “valor” do desenho está na representação do pensamento infantil e não em qualidades estéticas nele apresentadas.

Ainda pautando as fases do desenho na infância, de acordo com Martins (1979), as crianças de 9 a 12 anos de idade se encontram na fase denominada *realismo*, cuja produção artística não se baseia necessariamente na observação visual, mas na realidade vivenciada por elas, naquilo que percebem e sentem. Por ser uma fase de descobertas do corpo e da socialização, nesse período há uma preocupação com suas produções, entrando em cena a auto-crítica, onde as crianças podem perder o interesse pelo desenho por julgarem suas produções bobas e infantis, comprometendo o desenvolvimento artístico a partir desse meio de produção, julgando não ser capaz de produzir com eficiência. A esse respeito, para um bom aproveitamento dessa fase, a autora alerta:

Por isso é muito importante aproveitar o desejo de experimentação, exploração e invenção desta fase para incrementar sua produção artística, incentivando-os a pesquisar materiais de expressão, determinando suas próprias relações com o meio, sem preocupações com um resultado artístico ou não. O trabalho em grupo além de desenvolver a cooperação, serve também como estímulo ao jovencinho (MARTINS, 1979, p.66).

No âmbito escolar, o apoio do professor se faz, pois, necessário nesse momento de novas descobertas, interferindo com sugestões de atividades que valorizem as produções artísticas dos alunos, fazendo-os reconhecer a importância individual e coletiva de seus desenhos. Da mesma forma deverá ser com as fases seguintes (*pseudonaturalismo* e *arte do adolescente*), que Martins (1979) afirma que, na primeira o aluno valoriza muito a arte enquanto disciplina

ênfatizando as características sexuais nos desenhos das figuras humanas, em consequência das mudanças que sofre no corpo. Na segunda fase, denominada difícil tanto para o adolescente quanto para as pessoas que o cercam (pais e professores, por exemplo), a produção de desenhos já não causa mais tanto interesse, exigindo então, que o professor esteja ligado à vida dos jovens alunos para um maior aproveitamento nessa fase. A referência às etapas do desenho na fase infantil aqui apresentada serve de embasamento para a compreensão da relevância dessa atividade para a criança, bem como no espaço escolar, onde em todas as fases do ensino nota-se um interesse muito grande por esta atividade e, ao mesmo tempo, uma rejeição pela mesma; talvez por ser muitas vezes usada sem propósito e por isso, é válido fazer aqui uma reflexão sobre o seu ensino.

Percebe-se que, a partir da minha experiência em sala de aula, atividades com o uso do desenho estão constantemente presentes na vida escolar dos alunos e embora muitas vezes já pratiquem tal atividade mesmo antes de se ingressarem na escola (como foi exposto anteriormente), nota-se que, em geral, demonstram muita dificuldade em expressar-se através desse modo de produção artística, cuja frase: “eu não sei desenhar” é muitas vezes ouvida pelos professores de Arte. Assim sendo, ao propor uma atividade de desenho o aluno mostra-se angustiado antes de iniciar, preocupando-se com o que irá desenhar; receia não atingir a perfeição (que para ele é o realismo) e se compromete demais ou de menos com a estética dos seus desenhos não acreditando em sua capacidade criadora. Ainda recorrendo à fala da autora Martins (1992), ela destaca que tal situação poderá implicar na intenção estética, demonstrando a falta de confiança do aluno em si mesmo e sua dificuldade de expressar ideias. Sugere que o ensino de arte parta de duas ações básicas “o *desvelar* e o *ampliar*”; pois possibilitam um descobrimento pessoal do repertório artístico da criança a partir de sua percepção de mundo (desvelar), bem como amplia esse repertório através das linguagens artísticas produzidas por outras pessoas (ampliar). Para tanto, é preciso que o professor esteja junto, compartilhando esse desenvolvimento, sendo a figura de apoio nesse momento de criação. Propor um tema para direcionar o pensamento do aluno, instigando sua imaginação, pode ajudar; pois ao propor um trabalho espontâneo, corre-se o risco da criança ficar perdida, sem idéia, não conseguindo pensar em algo ou pensar em muitas coisas

ao mesmo tempo, dificultando a escolha e tornando a aula desinteressante e sem conteúdo.

É sabido que o desenho, assim como as outras formas de expressão das artes visuais, favorece o desenvolvimento da criatividade, amplia a capacidade de observação e permite uma comunicação visual, devendo, portanto, ser explorado ainda na infância. Para Coelho (2009), “[...] No ensino de arte, muitas vezes o desenho se encontra ainda associado a um modelo convencional de representação, deixando de lado o sentido do processo de experimentação do mundo [...]” (COELHO, 2009, p.53). No entanto, promovendo o ensino de Arte através do desenho, o professor estará estimulando o aluno a se interessar pelas produções que são realizadas por ele mesmo e por seus colegas, bem como por diversas obras consideradas artísticas a nível regional, nacional e internacional. Poderá desenvolver seu próprio pensamento artístico, desenvolvendo também senso crítico perante as várias obras, artistas e estilos a ele apresentadas. A esse respeito, os RCNEIs (1998) afirmam:

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional quanto tridimensional, além do volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. o movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança são atributos da criação artística. A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, intuitivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo às artes visuais (RCNEIs, 1998, p.85).

Apesar disso, percebe-se que no ensino de arte, o Desenho é muitas vezes usado para uma representação de um tema, modelo, ou algo sem propósito, servindo apenas para suprimir o tempo da aula, sem oferecer um ensino através deste. Em entrevista ao Blog Acesso, intitulada: “Ana Mae Barbosa: Arte na veia”, quando perguntada sobre a situação do ensino de arte nas escolas, a Arte/educadora Ana Mae Barbosa destaca:

[...] Principalmente no ensino primário, essa disciplina foi dominada por sugestão de temas e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas e outras festas. Nas escolas sem orientação de um especialista, os professores continuam

repetindo aqueles modelos horrorosos em xerox. São coelhinhos da páscoa, índios que fazem alusão ao dia do índio, imagens de péssima qualidade estética [...]”⁴.

Em meio a tal situação, entende-se que para uma intervenção apropriada no ensino que venha mudar realmente este quadro, é preciso que haja uma constante revisão, bem como capacitação dos métodos de ensino. Compreende-se que, além disso, é preciso reforçar a idéia de legitimar o desenho enquanto forma expressiva com valor próprio, com fim em si mesmo no ensino de Artes Visuais, ao invés de recorrer ao mesmo apenas para ilustrar temas quando convier ao professor ou à escola. A respeito da credibilidade do desenho enquanto arte autônoma, Coelho (2009) defende que é preciso recuperar o desenho como conceito fundamental enquanto obra de arte, assim como acontece com outros meios expressivos, já que na contemporaneidade, em função do avanço tecnológico e o repúdio à tradição acadêmica ficou difícil definir o que é o desenho; e este ficou de certa forma, desvalorizado.

CÂNDIDO PORTINARI: UM ARTISTA SOCIAL

Para o desenvolvimento de um trabalho que explicita a legitimidade do desenho enquanto expressão artística no ensino de arte, tomo aqui como referência um artista brasileiro que teve muita influência para a arte do país. Nascido em uma cidade chamada Brodósqui, no interior do estado de São Paulo, o artista Cândido Portinari (1903-1962) iniciou seus trabalhos artísticos com apenas 10 anos de idade a partir de um desenho em carvão sobre papel que ficou conhecido como “*Retrato de Carlos Gomes*”, pois este era deveras, o retrato do compositor. Veja imagem a seguir:

⁴ BLOG ACESSO. *Ana Mae Barbosa: Arte na veia*. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=34>> Acesso em: 09 de jun. 2011.



Figura 1 - Carvão/papel 43 X 42 cm, 1914

Pouco tempo depois, na categoria de ajudante de decoradores de igrejas, pintou as estrelas no teto da igreja local e, já decidido a ser pintor, matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes / ENBA, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1922, embora não tenha participado da grande Semana de Arte Moderna, com 19 anos de idade, Portinari expõe seus trabalhos pela primeira vez e recebe menção honrosa por outro retrato, desta vez do escultor Paulo Mazzucchelli; conquistando a medalha de bronze e tendo a partir de então, o seu nome comentado pela imprensa. Daí em diante, nada mais seguiu esse artista que, procurando aprender mais sobre a pintura, ofício pelo qual era apaixonado, esteve em outras partes do mundo, descobrindo depois que possuía um estilo próprio, cujas obras retrataram muitas vezes, o povo brasileiro. Realizando diversas exposições nacionais e internacionais, fez uso de técnicas de desenho, gravura, painel,

pintura e outros, nas quais representou temas sociais que acompanhou de perto desde sua infância; participando também na mudança de atitude estética e na cultura do país.

Apesar de não ser necessariamente um desenhista, tomar o artista em questão como referência para este trabalho, justifica-se pela maneira como o artista se posicionou com relação à contribuição que sua classe poderia dar para a educação brasileira. Considerado um dos maiores artistas do Brasil de todos os tempos, Cândido Portinari conseguia através de sua arte, expressar uma intensidade dramática encontrada em muitas de suas obras. Para Azevedo (2004), Portinari preocupava-se com a educação do povo, acreditando que esta deveria acontecer a partir da arte:

Nós devemos no Brasil acabar com o orgulho de fazer uma arte para meia dúzia, o artista deve educar o povo, mostrando-se acessível a esse público, que tem medo da arte por ignorância, pela ausência de uma informação artística que deve começar nos cursos primários. Os nossos artistas precisam deixar suas torres de marfim, devem exercer uma forte ação social, interessando-se pela educação do povo brasileiro. Todos os homens de espírito, no Brasil vivem isoladamente sem sentimento de coletividade, por isso são eles que têm menos força (PORTINARI, *apud* AZEVEDO, 2004, p.22).

Percebe-se que, embora tenha concluído apenas o terceiro ano da escola primária, Portinari dava muito valor à educação. Já em sua época, almejava que a arte fosse expandida por todo o país deixando de ser restrita apenas à elite e que esta tivesse forte relação com a educação. Trazendo tal posicionamento para o contexto atual, nota-se ainda essa falta de interesse no que se refere à acessibilidade da arte, como já foi lembrado no decorrer deste trabalho. Verifica-se que a arte está aí acontecendo a todo o momento e, com o avanço tecnológico fica ainda mais fácil o acesso a obras de arte e vários estilos e tipos de expressões, mas, como já foi pautado aqui, ainda é muito desvalorizada na educação.

3. APLICAÇÃO PRÁTICA DO DESENHO EM SALA DE AULA – PLANO DE ENSINO

Conteúdo

- Produção de Retratos e Auto-Retratos a partir do Desenho

Apresentação

Uma vez que o desenho é uma atividade muito utilizada em várias profissões, inclusive nas artísticas, penso que para o ensino de arte ele é de fundamental importância, já que através deste pode-se desenvolver a coordenação motora, a capacidade de observação, o gosto pela precisão, bem como o dom de criar. Através do desenho podemos inventar e recriar mundos, conseguindo dar vazão à nossa imaginação a partir de simples gestos com o lápis, caneta, uma varinha na terra molhada e muitos outros materiais que, hoje em dia são diversos no mercado. Rico também em opções, o desenho não deve ser reduzido à técnica ou ao ato de desenhar, pois os materiais usados para a realização deste servem apenas para orientar o percurso do pensamento, concretizando a obra que, antes, se fez a partir de uma intencionalidade, uma ideia.

Podendo ser científico (usado na zoologia, botânica e anatomia), técnico, artístico e outros, o desenho é uma atividade de suma importância hoje em dia. O *desenho técnico* consiste naquele usado para atingir uma finalidade, quando é produzido por profissionais de áreas que não são necessariamente artísticas, não apresentando um fim em si mesmo. Já o *desenho artístico*, que pode ser de observação, memória ou mesmo de imaginação, sendo uma arte em si mesma, pode ser utilizado por artistas de várias expressões, inclusive para o ensino de Artes Visuais na escola. Tal atividade pode abrir caminhos, servindo de suporte para várias manifestações artísticas como a pintura, a gravura, a escultura e outros tipos de expressões trabalhadas em sala de aula.

Este plano de ensino tem como proposta o contato com o desenho de forma artística através da produção de retratos e auto-retratos, por alunos do 1º

ano do ensino médio. A atividade proposta abordará o ensino do desenho com o intuito de desenvolver a percepção visual do aluno, além de favorecer uma maior integração com esse recurso artístico, desmistificando assim, a problemática do desenho na aula de Arte.

A partir deste os discentes poderão usar a criatividade, explorar sua capacidade de observação e conhecer mais seu potencial criador, bem como conhecer o trabalho do artista Cândido Portinari, que por sua vez, iniciou sua vida artística com desenhos e produziu dentre outras técnicas, vários retratos e auto-retratos ao longo de sua carreira.

Justificativa

Como já foi citado anteriormente no segundo capítulo, o desenho está constantemente presente na vida das pessoas, até mesmo nas situações mais simples do dia a dia. Então, porque não tirar proveito dessa maravilhosa expressão para o ensino de Arte? Uma vez que tal atividade pode partir de elementos comuns e de fácil acessibilidade para os discentes, este é um recurso de larga utilidade no ensino de Arte. Muitas vezes recorro ao mesmo para o ensino de Artes Visuais na sala de aula; quando o assunto é cor, textura, linha, ponto, simetria, etc. além de outras atividades práticas como pintura e colagem esta atividade artística está sempre presente.

Embora este seja um tipo de arte aparentemente simples para intermediar o ensino nas aulas, percebo uma freqüente dificuldade para a produção de desenhos por parte de muitos alunos que, ao iniciarem algum trabalho que envolva o desenho, demonstram muita insatisfação e preocupação com a atividade proposta. Tomando como referência um artista que fez uso dessa expressão ainda quando criança, que experimentou várias técnicas de desenho e pintura ao longo de sua carreira artística, talvez possa sensibilizá-los para o gosto e a essência do desenho no âmbito artístico. Através de algumas obras do artista Cândido Portinari, os alunos poderão conhecer e experimentar a técnica de retrato e auto-retrato; poderão ainda, apreciar e contextualizar as obras do artista a eles apresentadas, servindo como incentivo para a sua própria produção.

Objetivos

- Conhecer a técnica de retrato e auto-retrato;
- Desenvolver a capacidade de observação;
- Construir, expressar-se e comunicar-se em desenho desenvolvendo a percepção e a sensibilidade estética.

Público alvo

Tendo em vista que os alunos do ensino médio já têm uma coordenação motora mais desenvolvida, e um senso de percepção também mais aguçado do que aqueles do ensino fundamental (já que tiveram a disciplina no 8º e 9º anos), o plano em questão será destinado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio (1º V-7) da E. E. Comendador Murta, no município de Itinga – Minas Gerais.

Desenvolvimento

1º momento

Nesse primeiro momento do plano é feita uma investigação a respeito do conceito de Retrato e Auto-Retrato, perguntando-se aos alunos se conhecem algum(s) artista(s) que fez ou ainda faz uso do retrato em seus trabalhos e se conhecem alguma obra com esses temas (5'). Após as respostas dos mesmos é feita uma explanação sobre o conceito destas técnicas e sua relação com o Desenho, a partir de alguns textos sobre o assunto (25').

Depois dos esclarecimentos a respeito, são apresentadas reproduções das obras: *“Auto-Retrato (1957)”*; *“Retrato de Moliterno (1932)”*; *“Retrato de Luís Cosme (1932)”*; *“Retrato de Leonore Hubrecht (1933)”*; *“Retrato de Bibi (1936)”* e *“Retrato de Christiane Ferraz de Abreu (1960-1961)”* do artista Cândido Portinari, - apresentadas respectivamente a seguir -, para uma apreciação da técnica (10')



Figura 2 – Auto-Retrato (1957) Óleo/tela 29.5 x 21cm



Figura 3 – Auto-Retrato (1957) Bico de pena/papel 25 x 21cm



Figura 4 – Auto Retrato (1957) Bico de pena/papel 22.5 x 17.5cm



Figura 5 – Retrato de Moliterno (1932) Grafite/papel 30 x 22cm



Figura 6 – Retrato de Luis Cosme (1932) Sépia/papel 30 x 23cm



Figura 7 – Retrato de Leonore Hubrecht (1933) Crayon/papel 31 x 37cm



Figura 8 – Retrato de Bibi (1936) Crayon Colorido/cartão 30.5 x 29.5cm



Figura 9 – Retrato de Christiane Ferraz de Abreu (1960-1961) Óleo/tela 55.5 x 46.5cm

2º momento

Após a apreciação das obras faz-se uma contextualização das mesmas, buscando ao mesmo tempo conhecer também um pouco a respeito da vida do artista, materiais e técnicas usadas por ele (10').

3º momento

Uma vez que ficou entendido a respeito do retrato e auto-retrato, nesse momento é proposta uma atividade de desenho para a experimentação dessas técnicas, sendo desenvolvida em duplas. A atividade consiste no desenho do rosto do colega (sentando-se um de frente para o outro), produzindo assim um retrato. Ao mesmo tempo, cada aluno posa e desenha até que os dois retratos sejam concluídos (40').

Depois de prontos, os retratos são trocados entre as duplas, ou seja, cada aluno fica com o retrato do seu rosto, tendo agora a liberdade de modificar aquilo que julgar necessário. Assim, ao mesmo tempo, o trabalho torna-se um auto-retrato podendo também adquirir cores e estilos conforme o aluno desejar (40'). É sugerido ainda, que os alunos não assinem os trabalhos para que não sejam identificados nesse momento.

4º momento

A proposta agora é que os alunos façam uma apreciação crítica dos trabalhos concluídos a partir da observação dos desenhos produzidos por eles. Para este último momento da atividade, é organizada uma exposição com todos os auto-retratos (que inicialmente também eram retratos) na sala de aula para uma apreciação e discussão a respeito da experiência. Este é o momento de apreciarem suas produções próprias, bem como tentar fazer o reconhecimento dos retratos dos colegas, adivinhando cada rosto ali exposto. Os alunos contam o que acharam da atividade, bem como o que sentiram ao ver seu próprio rosto desenhado em uma folha de papel (20').

Recursos didáticos

- Cópias dos textos: “Retrato” e “Auto-Retrato”
- Reproduções de Retratos e Auto-Retratos do artista Cândido Portinari
- Livro: “Cândido Portinari – Filho do Brasil, orgulho de Brodowski!”
- Papel canson A4
- Lápis HB, lápis 6B e Borracha macia

- Lápis de cor ou giz de cera

Avaliação

É feita uma avaliação da participação individual e coletiva do aluno durante o processo de construção do desenho, observando o seu interesse e desempenho, bem como o processo criativo no decorrer da atividade. É avaliado ainda, o senso crítico perante informações adquiridas sobre o Retrato e Auto-Retrato.

APLICAÇÃO PRÁTICA DO PLANO DE AULA

Como sugere o plano, o assunto foi introduzido com a seguinte pergunta:

- Alguém sabe dizer o que é retrato?

Subitamente as respostas foram surgindo e, o interessante é que alguns alunos relacionaram o termo à fotografia dizendo que se tratava de fotos. Isso já era de se esperar, já que aqui na região costuma-se usar esse termo para referir-se às fotos provenientes de câmeras fotográficas. Na sequência, foram feitas outras perguntas como:

- Conhecem algum artista que faz uso de retratos?
- Quem de vocês já fez algum retrato ou auto-retrato?

A maioria dos alunos disse não conhecer ninguém e um dos alunos falou que o artista Van Gogh já havia feito o Retrato dele mesmo com a orelha enfaixada. Alguns dos alunos disseram que já haviam feito o seu desenho a partir de uma fotografia. Nesse momento, esclareci o que é o Retrato e Auto-Retrato fazendo também uma breve contextualização das técnicas ao longo da história e apresentando em seguida, as reproduções dos retratos e auto-retratos do artista Cândido Portinari. Como já conheciam um pouco sobre a vida e obra do artista, esse momento da aula foi muito produtivo, apresentando uma sequência de informações que, muitas vezes foram citadas pelos próprios alunos. Ao mesmo tempo em que apreciavam os retratos e auto-retratos do artista, faziam comparações entre os trabalhos, observando dentre outras coisas, o uso de cores

em algumas das obras e a ausência destas em outras; percebendo também a forma serena como o artista se retratou nas obras e o fato dele ter conseguido se desenhar de perfil. Alguns notaram o uso diversificado na forma de fazer as linhas na produção dos desenhos, bem como os variados materiais que o artista usou para produzir desenhos com o mesmo tema, não parecendo que foram feitos pela mesma pessoa.

Ao final da aula, pedi que providenciassem uma folha de papel canson, lápis Hb e 6B e uma borracha macia para serem usados na aula seguinte (que aconteceu no outro dia) para uma produção de Retratos e Auto-Retratos. Muitos ficaram extasiados com a proposta dizendo que estavam ansiosos para chegar o momento; já outros, embora tenham achado tudo muito interessante, ficaram apreensivos dizendo que não dariam conta.

O terceiro momento do plano (segunda aula), foi iniciado com a exposição dos trabalhos de Portinari para relembrem o tema da aula. Foi explicado o procedimento da atividade e logo depois os alunos foram convidados a descer para o pátio (local mais adequado por conter mesas grandes de pedras que propiciam um melhor desenvolvimento da atividade proposta) e se organizaram em duplas, como sugere a atividade. Para não ficarem perdidos e angustiados diante da folha branca sem saber por onde começar; sugeri que iniciassem fazendo uma circunferência na folha, desenhando o contorno do rosto. Disse também que se comesçassem pela parte de baixo (queixo) talvez tivessem mais facilidade em acertar na localização e proporções do rosto. Como a atividade tinha como objetivo a experimentação do Desenho a partir da capacidade e observação de cada aluno, não foram ensinadas técnicas de proporção ou qualquer outra para uma aproximação de desenho realista; apenas foi sugerido que deveriam fazer o desenho a partir da observação do rosto do colega, buscando aproximar no desenho, detalhes e características que estavam captando em sua face.

Satisfeitos por estarem experimentando algo que chamaram de “verdadeira arte”, os discentes foram envolvidos nessa atividade se sentindo como verdadeiros artistas. E sem se darem conta, o tempo da aula havia acabado e alguns não haviam concluído o retrato, ficando os detalhes para a aula seguinte. Veja fotos a seguir:



Figura 10 – Exposição de reproduções de retratos e auto-retratos de Portinari na sala de aula.

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira



Figura 11 – Foto da reprodução da obra “Auto Retrato”

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira

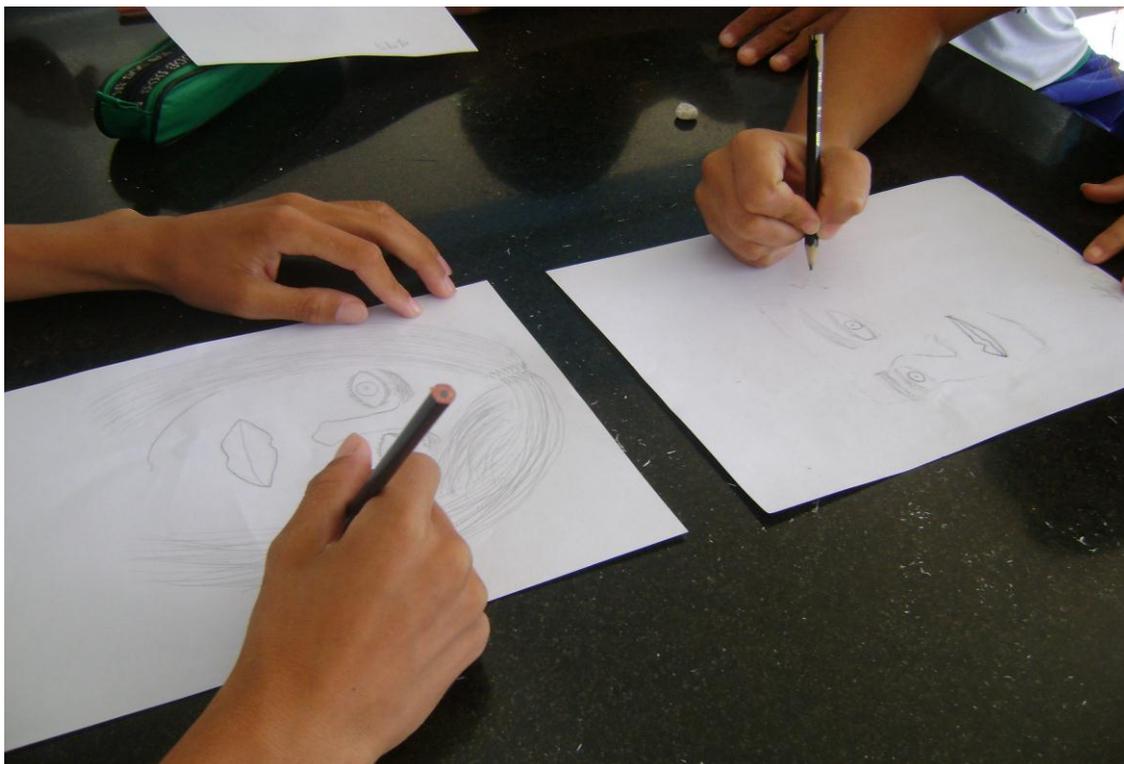


Figura 12 – Produção dos retratos em dupla

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira

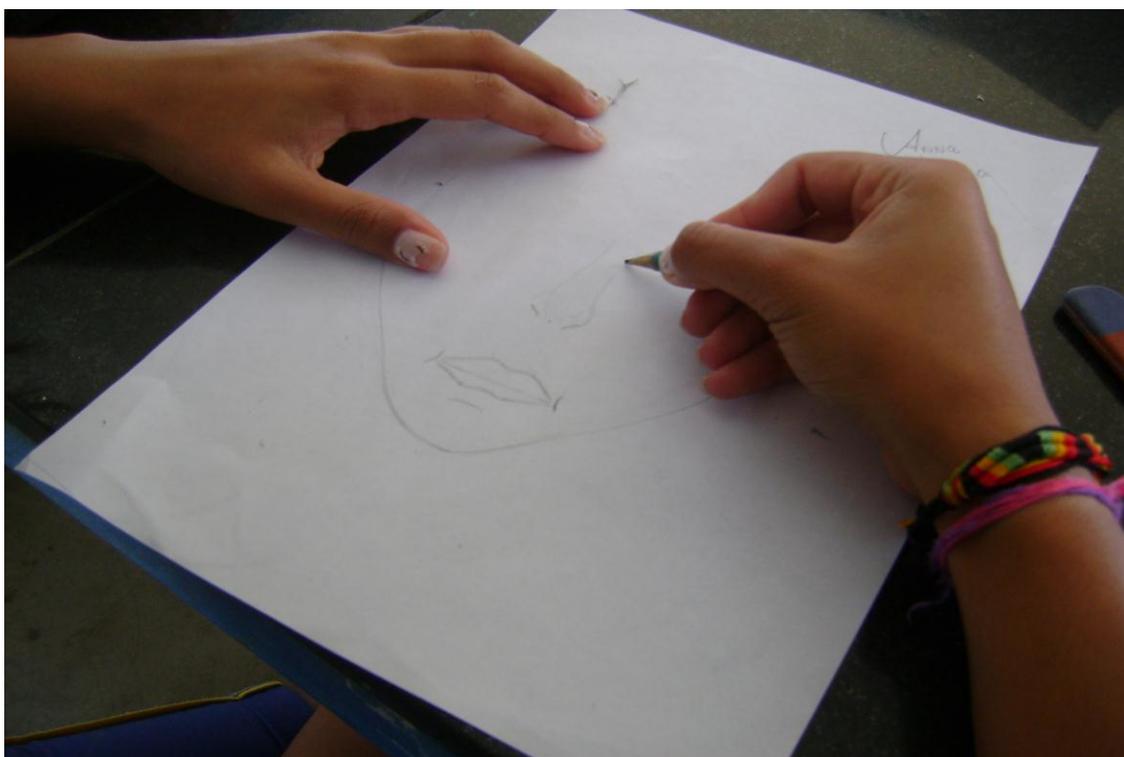


Figura 13 – Aluna fazendo o retrato do colega

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira

Após a conclusão dos desenhos (retratos), foi a vez dos alunos fazerem os auto-retratos a partir do desenho já produzido pelo colega. Nesse momento da atividade, alguns tiveram dificuldade em desenhar partes do rosto como boca e nariz, mas estavam muito interessados em acertar e por isso não perderam a motivação e acharam o resultado final muito interessante. Através dessa atividade, puderam não só conhecer e experimentar a técnica apresentada, como também fazer desenhos deles mesmos, podendo ao final desta, apreciar as suas próprias produções de desenho, bem como aquelas feitas pelos colegas de classe, que foram expostas na sala de aula. Foi uma atividade divertida e prazerosa, especialmente no momento da identificação de cada retrato.

Veja fotos abaixo:



Figura 14 – Exposição das produções dos alunos.

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira



Figura 15 – Alunos apreciando seus trabalhos

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira



Figura 16 – Auto-Retratos produzidos pelos alunos.

Foto: Norali B. Esteves de Oliveira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo pôde-se observar, por meio dos escritos fundamentados em autores que pesquisam e ajudam na construção de uma Arte/educação cada vez melhor, que é necessário refletir sobre a atual situação em que se encontra o ensino de Arte no Brasil, fazendo com que não só os Arte/educadores, mas também governo, escola e alunos possam conhecer verdadeiramente a importância da Arte para a educação, aceitando o desafio de estar contribuindo para a inovação do ensino.

Tal estudo remeteu-me ao tempo, fazendo com que conhecesse um pouco mais a trajetória do ensino de Arte no país, desde a chegada dos jesuítas até a atualidade, buscando entender como era visto e aceito pelos governantes e pelos educadores, e ainda, conhecer suas dificuldades e sucessos na educação. O 1º capítulo nos mostra a oportunidade que o futuro Arte/educador, comprometido com a educação, poderá ter ao analisar a história desse ensino, a fim de poder em sua realidade educacional ser colaborador consciente de suas realizações através de suas ações.

Ainda reportando-me ao 1º capítulo, conclui-se que, através da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, a definição da estrutura e funcionamento dos sistemas de ensino possui um caráter flexível, variando de escola para escola, ou seja, cada escola propõe a forma de se organizar e a sua atuação própria, deixando muitas vezes o ensino de Arte em segundo plano. Realidade esta que deve ser modificada, diante da esperança e expectativas que permeiam um novo modo de ser, pensar e agir no que diz respeito ao processo de ensino em Arte. Assim, analisando a Arte/educação em seu contexto histórico, o 2º capítulo do referido estudo amplia a ótica sobre o Desenho nas aulas de Arte, fazendo entender como este se dá ainda na infância e como pode ser abordado de maneira produtiva pelo Arte/educador ao longo desta e da adolescência. Verificou-se que, tal atividade, mesmo sendo de tão fácil acesso, pode ser deveras muito complexa se não for trabalhada com uma intencionalidade de ensino em Artes Visuais, mas, se houver essa intencionalidade, poderá servir de estímulo para a prática do desenho como meio artístico, avivando assim o gosto

pela Arte. A partir do plano de aula desenvolvido segundo a Metodologia Triangular (fazer, apreciar e contextualizar), aplicado no 3º capítulo deste, pôde-se concluir que o ensino de Artes Visuais pode se fazer com eficiência através do Desenho, despertando no aluno um grande interesse pela proposta, motivando-o a experimentar e aprender a partir desse modo de expressão.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Heloiza de Aquino. *Candido Portinari. Filho do Brasil, orgulho de Brodowski!*. Ed. Especial. São Paulo: Árvore do Saber, 2004.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte como educação e cidadania*. São Paulo: Agência USP de notícias, 2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/bols/2000/rede529.htm>>. Acesso em: 11 de Jun. 2011.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Arte-Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo: Vol.3. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141989000300010&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 de Jun. 2011.
- BLOG ACESSO. *Ana Mae Barbosa: Arte na veia*. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=34>> Acesso em: 09 de Jun. 2011.
- BLOG ACESSO. *Ana Mae Barbosa: Para que serve a arte na educação?* Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=91>> Acesso em: 09 de Agosto. 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: Conhecimento de mundo*. Brasília: MEC, 1998, V.3. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em: 10 de Jun. 2011.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 13 de Jun. 2011.

COELHO, Rodrigo Borges. *Desenho e Ilustração*. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 2. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Arte na Educação Escolar*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2001.

GOUTHIER, Juliana. *História do ensino da arte no Brasil*. In: PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (Org.). Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ITAÚ CULTURAL. *Enciclopédia das Artes Visuais – Auto-Retrato*. Termos e conceitos. 2005. Disponível em:< http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=897>. Acesso em: 06 de Jul. 2011.

ITAÚ CULTURAL. *Enciclopédia das Artes Visuais - Termos e Conceitos*. 2005. Disponível em:< http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=364> Acesso em: 06 de Jul. 2011.

MARTINS, Míriam Celeste F. Dias. *Aprendiz da Arte-trilhas do sensível olhar-pensante*. São Paulo. Espaço pedagógico. 1992.

MARTINS, Míriam Celeste F. Dias. *Temas e técnicas em artes plásticas*. São Paulo: ECE, 1979.

MINAS GERAIS. Currículo Básico Comum – CBC:.. *Arte ensinosa fundamental e médio*. Belo Horizonte: 2005.

PROJETO PORTINARI, *João Cândido Portinari*. Cronobiografia de Cândido Portinari. Rio de Janeiro: PUC 2003. Disponível em:<<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/cronobio.pdf>>. Acesso em: 12 de jun. 2011.

PROJETO PORTINARI, *João Cândido Portinari*. Síntese Biográfica. Rio de Janeiro: PUC 2003. Disponível em:<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/s_biogra.htm>. Acesso em: 12 de Jun. 2011.

REFERÊNCIAS DAS IMAGENS

PROJETO PORTINARI, *João Cândido Portinari*. Tema. Rio de Janeiro: PUC 2003. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/obrasCompl.asp?notacao=474&ind=28&NomeRS=rsObras&Modo=C>>. Acesso em: 11 de Jun. 2011.

PROJETO PORTINARI, *João Cândido Portinari*. Tema. Rio de Janeiro: PUC 2003. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/thumb.asp?tema=0401&totObras=14>> Acesso em: 08 de Jul. 2011.